

COLECTANDO COM MARGARET MEAD PELO PACÍFICO SUL

*Alix de Carvalho**

RESUMO

A personalidade de Margaret Mead (1901-1978) equivale a uma estatura de mulher – cientista ímpar, pois, especialista de primeira, teve ainda uma grande consciência de compromisso com a responsabilidade social, vivendo a desafiar a realidade política e a lutar pela causa feminista. Com vinte e seis doutoramentos *honoris causa*, da obra fica a presença de um espírito seduzido pela aventura e pelo rigor científico, ao serviço da liberdade crítica e da cidadania universal. Das fotografias passa a imagem de um corpo bonançoso, com expressões simpáticas e abertas, muito alertada para o respeito pela diferença, como sempre o testemunhou, colectando vivências que lhe propiciaram momentos ímpares entre indígenas distantes do Pacífico Sul: da Nova Guiné, a Samoa e ao Bali, colectando questionamentos que desafiaram a sociedade americana, das ideias feitas aos preconceitos mais conservadores, colectando objectos que continuam a celebrar os espólios do American Museum of Natural History, em New York. E, por tudo isso, deixando, obviamente, ideias muito inovadoras e umas tantas polémicas, na sua senda.

Palavras-chave: história natural; antropologia; colecionismo??.

COLLECTING WITH MARGARET MEAD IN THE SOUTH PACIFIC

The personality of Margaret Mead (1901-1978) is of the stature of a peerless woman-scientist, since the first class specialist was also conscious of a commitment to social responsibility, always challenging the political reality and fighting for the feminist cause. With twenty-six *honoris causa* doctorates, her work leaves us in the presence of a spirit seduced by adventure and by scientific rigor, in the service of critical liberty and universal citizenship. The photographs impart the image of a bountiful

* Doutoranda no Departamento de Literatura Comparada da Université de Montréal, Québeque (Canadá): *E-mail:* alixdecarvalho@hotmail.com

body, with friendly, open expressions, very alert to the respect for difference, as she always witnessed it, collecting experiences which provided her with peerless moments among the distant indigenous peoples of the South Pacific, New Guinea to Samoa and Bali, collecting questions that challenged American society, from readymade ideas to the most conservative prejudices, collecting objects that continue to make the assets of the American Museum of Natural History in New York famous, and due to all this, obviously leaving very innovative and some polemical ideas in its path.

Key words: natural history; anthropology; collectionism.

Sempre lutando para conseguir conjugar as obrigações de responsável pela secção da Etnografia do Pacífico, no AMNH, onde trabalhou por mais de 50 anos, com a carreira de professora, de conferencista ou de intelectual interveniente, esta antropóloga americana¹ tem o mérito de ser a primeira mulher a lançar a pesquisa etnográfica numa sociedade arcaica: as ilhas de Samoa – Pacífico Sul. Isto em 1925!

¹ No início da carreira, antes de ser uma presença em todas as famílias do seu país, escreve duas versões da mesma obra, uma para académicos e a outra para o grande público, como forma de divulgação transcultural. Seguidamente, passa a privilegiar os *media* (a difusão radiofónica e, mais tarde, televisiva), utilizando como ninguém esses meios de comunicação social. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalha para o Departamento da Guerra, sendo nomeada para dirigir uma comissão científica nacional sobre os hábitos alimentares, a fim de melhorar as rações a fornecer aos soldados. Baseada no trabalho feito nas sociedades arcaicas, submete a sociedade envolvente a um olhar de antropóloga, de que resulta um ensaio, publicado em 1942, sobre o temperamento dos americanos. Realiza também um trabalho sobre o namoro no país. Em causa, está o possível relacionamento entre os soldados americanos estacionados na Grã-Bretanha e as jovens britânicas. Estuda também o “carácter nacional” dos povos beligerantes. Acaba por desenvolver uma excelente capacidade de formular as ideias chave de campanhas informativas sob a forma de panfletos educativos. Após a guerra, passa a analisar problemas das sociedades desenvolvidas, bem como a evolução social. Nesse contexto, a «*generation gap*» é um conceito que cria e desenvolve, ao estudar a mudança rápida que atravessam certos complexos sociais, da “idade da pedra” para a “idade moderna”. Em 1949, é eleita presidente da Society for the Applied Anthropology; mais tarde, é vice-presidente da prestigiada American Association for the Advancement of Science e membro do Clube de Roma. Como reconhecimento por todo o seu labor científico e activismo cívico, o Presidente Jimmy Carter condecora-a com a Medalha da Liberdade. Nos Estados Unidos, é considerada como uma figura emblemática, um ícone da cultura. O editorial do *New York Times*, publicado no dia da sua morte, 15 de Novembro de 1978, chama-lhe «a avó do mundo», revelando a simpatia sentida por esta grande figura. Fundadora da Antropologia do Género e das Idades, foi certamente uma das mulheres mais conhecidas do século vinte.

O resultado dessa expedição traduz-se em *Coming of Age in Samoa* (1928), um sucesso livreiro. A problemática tratada, a adolescência apresentada como livre da repressão sexual, traz água ao moinho dos debates em curso, inclusive sobre a educação puritana das raparigas americanas, contra a qual se levanta o feminismo em ascensão. Segundo ela, em Samoa, as adolescentes vivem uma sexualidade esfuziante e livre, não notando as dificuldades psicológicas ligadas à repressão sexual. Para além da educação puritana e conservadora, é possível, portanto, existirem outras formas de educação das jovens. A autora defende o relativismo cultural, segundo o qual, a cultura é um factor determinante dos comportamentos sociais do ser humano; ao mostrar como, desde a mais tenra infância, o ser humano banha na água do padrão cultural que modela a sociedade em que cresce e se desenvolve. Através dos gestos e da relação com o corpo do outro, vai incorporando inconscientemente regras e proibições vigentes de modo a, mais tarde No estado adulto, assumir o papel que lhe cabe na divisão dos sexos. Por sua vez, quando esclarecer a contingência e a relatividade das formas culturais, põe em causa o determinismo natural, então, na moda. Os dados estão lançados: demonstra-se a evidência da influência das instituições e dos costumes sobre a personalidade, pondo em causa a universalidade das dificuldades que concernem a puberdade e a adolescência. E, para que não restem dúvidas, novos e importantes materiais colhidos em numerosas comunidades tradicionais (povos ameríndios e oceânicos) confirmam os anteriores, permitindo extrair as marcas específicas de diferentes modelos sociais e de tratamento distinto na diferenciação dos sexos.

Franz Boas (1858-1942), o mestre, Ruth Meredith (1887-1948), a amiga e conselheira, Ralph Linton (1893-1953) e Abram Kardiner (1891-1981) todos eles pertencentes à corrente culturalista da Antropologia, acolhem com entusiasmo esta estreia da jovem doutoranda. Tal facto não admira, pois definem a cultura como o conjunto de atitudes, ideias e comportamentos partilhados pelos membros da sociedade e, simultaneamente, dos resultados materiais desses comportamentos, os objectos manufacturados.²

Pouco tempo depois, realiza novo trabalho de campo, tratando do problema da socialização e do pensamento entre os Manus da Melanésia, Oceania.

Apesar de muito jovem, mas já com o doutoramento em Antropologia Cultural, prossegue a carreira e reafirma-se, em 1930, com a publicação de mais duas obras sobre a Nova Guiné. Em *Growing up in New Guinea*

² Como se verificará, esta obra vai ser submetida a uma virulenta crítica, em 1983.

pormenoriza o estudo dos Manus, um povo ainda não tocado pelo mundo exterior, quando lá chega em 1928. Vive, então, na aldeia piscatória num momento-chave de mudança, depois do cessar da luta tribal, mas antes das missões e o comércio global começarem a mudar as suas vidas. Graças ao seu trabalho e perseverança em condições tão difíceis, colecta um sem número de informações que nos permitem visualizar as vidas em família: centra-se nas atitudes face ao sexo, casamento, educação dos filhos, e ao sobrenatural, sendo levada a ver paralelos intrigantes com a moderna sociedade ocidental.

Na base dos dados apresentados, infere e teoriza, afirmando que a cultura comanda o desenvolvimento psico-sexual. Conjectura igualmente que o mundo dito civilizado bem pode aprender com os chamados “povos primitivos”. A abordagem sistémica do conhecimento impõe a inclusão de todas as variáveis possíveis. Os seus processos mentais consistem numa associação de pensamento dedutivo e indutivo, criando uma poderosa sinergia entre o empirismo anglo-saxónico e o pensamento cartesiano francês. A rede do seu pensamento, detectável nos textos e filmes, manifesta-se de forma clara e coerentemente organizada.

Entre 1931 e 1935, empreende nova pesquisa na Oceania, entre os Arapeshs, os Mundugumors e os Chambulis que manifestam modos radicalmente diferentes na diferenciação dos sexos. Segundo Marc Abeles, «os trabalhos de Margaret Mead sobre as relações entre os sexos nas três sociedades tradicionais da Oceania permanecem ainda hoje um testemunho exemplar da abordagem culturalista». Povos com diferenças profundas, entre si.

A etnia dos Arapeshs vive nas montanhas, em condições pouco propícias, num ambiente natural inóspito, no entanto, as relações entre os sexos são solidárias e cooperativas. O casamento é marcado pela harmonia e pelo entendimento.

Tal não é o caso dos Mundugumors que, apesar de terem uma vida facilitada por uma agricultura propícia, as suas relações são marcadas desde a infância pela frustração, pela inveja e pela agressividade, sendo o estupro a forma normal da cópula. A violência e a vingança são as formas de expressão mais comuns em ambos os sexos. Não se nota qualquer diferenciação social entre os papéis femininos e masculinos.

Por outro lado, quanto aos Chambulis, que vivem num meio ambiente lacustre, verifica-se uma verdadeira inversão nos papéis, embora a dominação masculina seja de bom tom. O poder económico pertence às mulheres que asseguram o sustento da comunidade e a circulação monetária. Elas são activas, racionais e ponderadas. Entretanto, nas casas dos homens, a competição é constante e feroz, no que diz respeito à beleza e ao cerimonial, numa busca desenfreada de preeminência social, estabelecendo, assim, relações

extremamente tensas e complicadas. Por outro lado, as mulheres são serenas e dinâmicas. Descreve-as como: «sérias, absorvidas pelas ocupações, conscientes do seu poder, trabalham e riem, de cabeça rapada e descoberta, sentadas em grupo; por vezes, organizam uma dança nocturna de que os homens são excluídos e onde cada mulher se esgota completamente ao executar só, diante das outras, o passo que acha mais excitante».

Do encontro com Bateson com quem casa em 1936, resulta a inovação de métodos de observação: a obtenção de fotografias e de filmes na colecta de material etnográfico marca um avanço considerável, não só na fase da recolha, como no da fiabilidade da mensagem obtida.

No fundo, de uma maneira ou de outra, toda a pesquisa desenvolve-se sobre a educação e a variabilidade das relações entre os homens e as mulheres. Conclui, então: «os traços do carácter que qualificamos de masculinos ou de femininos são, muitos deles, se não na totalidade, determinados pelo sexo, de uma maneira tão superficial como o são o vestuário, as maneiras e o penteado, que uma determinada época, atribui, indiferentemente, a um ou a outro sexo» (*Sex and Temperament*, 1935). A diferença de temperamentos nos sexos é o resultado de uma lenta e tenaz construção social. A simplicidade das sociedades primitivas permite isolar campos de estudo, tais como a descrição dos procedimentos familiares e institucionais, e a análise da construção da personalidade. Assim, consegue distinguir cinco características significativas: a continuidade da experiência da criança e do jovem, a expressão total da experiência cultural, a prefiguração da experiência futura, a consolidação da experiência passada e, por fim, a autonomia do comportamento.

Em plena guerra, em 1943, faz mais cinco visitas de estudo, principalmente a Bali e à Nova Guiné, pesquisando oito culturas diferentes e criando um vasto acervo de trabalhos etnográficos. Aplicando a concepção culturalista dos valores, evidencia a estruturação da personalidade, segundo figuras tais como: conformidade / conflito, inovação / conservadorismo, normalidade / desvio.

Anote-se ainda que já na tese de mestrado em Psicologia tinha comparado as crianças americanas com os filhos de italianos, emigrantes recentes, e no estudo sobre os Omahas (etnia instalada numa reserva do Nebraska, com problemas de alcoolismo e desorganização social), questiona as condições de adaptação e de integração na sociedade americana, pondo em causa a falta de elementos de estudo sérios e dignos de crédito. Por outro lado, os contactos estabelecidos entre os grupos e os fenómenos de aculturação constituem interessantes objectos de estudo.

Em tempo de guerra, aplica o método de observação directa e o método comparativo aos movimentos socio-políticos na sua dimensão mundial, ao subdesenvolvimento, à modernização das minorias étnicas, às mulheres e à juventude. Frequentemente, é convidada a testemunhar perante as Comissões do Congresso que apreciam o seu profissionalismo. O carisma faz dela a convidada favorita e incontornável das emissões televisivas; revela um dom inato para criar empatia, para conduzir naturalmente a entrevista, dando-lhe um ar de conversa cujos cordelinhos domina.

Para além do pragmatismo envolvendo o seu olhar sobre o mundo e a sociedade humana, revela uma genuína predilecção pelo contacto e troca de ideias com amigos e desconhecidos. Consegue, junto das pessoas encontradas, colectar informações sobre os amigos e os parentes, as diferenças entre os sexos e a diversidade da cultura americana. Por outro lado, os estudantes estrangeiros constituem uma preciosa fonte de dados, não só sobre as culturas de origem, como sobre as perplexidades face à “estranheza” da sociedade americana. Todas as pessoas com quem entabula conversa contribuem, de maneira mais ou menos significativa, para a sua demanda, seja para saciar a sede de conhecimento sobre os humanos, como uma só espécie pertencendo a numerosas culturas.

DIFERENCIAÇÃO DOS SEXOS

Male and Female, publicado em 1949, apresenta uma perspectiva sintética baseada simultaneamente na sua pesquisa no terreno, na Oceania, e na análise dos costumes da sociedade americana do pós-guerra. A antropóloga demonstra que os estereótipos são maleáveis, e que a educação contribui largamente para isso. Com base no relativismo cultural, trata o caso americano como qualquer outro exemplo etnográfico, diagnosticando novas e potenciais crises. Analisa a imagem moderna e nacional dos papéis sociais na sociedade americana. Num estudo sobre as mulheres Omahas, avança com a hipótese de que as mulheres são menos sensíveis à mudança do que os homens. Segundo ela, estes, enquanto depositários do núcleo central do património cultural, sofrem mais com perda ou o questionamento dessa realidade, enquanto as tarefas femininas, mais universais, são menos sujeitas a alterações substanciais. Esta inferência parece-nos inaceitável: trata-se de uma generalização algo questionável.

Embora algumas das conclusões sobre o carácter da divisão social dos papéis sexuais sejam consideradas por vezes apressadas e discutíveis, *Male*

and Female é reconhecida como uma obra capital. Antes de Simone de Beauvoir e de outras feministas americanas, é ela quem lança a questão do “género”: antecipando as autoras dos anos setenta e o actual debate teórico-metodológico transdisciplinar que percorre os Estudos da Mulher e do Género, criados em muitas universidades americanas e europeias.

Estes estudos são dominados pelo diálogo de investigadores/as que, hoje, ultrapassam o âmbito das Ciências Humanas (Antropologia, História, Filosofia, Psicologia e Sociologia) e das Letras (Literaturas Comparadas, Linguística, Hermenêutica e Teoria Literárias) e, paulatinamente, se alarga às Ciências da Saúde, do Direito, da Educação, das Artes e da Comunicação. O tema inicial destes estudos põe em cena os cordéis da opressão das mulheres. Actualmente, as relações e os mecanismos que envolvem o género, são relações sociais marcadas pelas diferenças simbólicas e materiais entre o feminino *versus* masculino, mas igualmente as relações entre as mulheres e os homens entre si.

A maior parte destas pesquisas fundamenta-se na teoria culturalista americana, sobretudo em Margaret Mead, e é retomada por autores de orientações diversas: Joan Scott, Michèle Perrot, e filósofos como Michel Foucault, Michel de Certeau e muitos outros. Ao abordar o género, as divergências abundam, mas num aspecto todos concordam: todos abjuram o essencialismo. São relativistas e pensam o sujeito como o resultado de condicionalismos histórico-culturais e não como entidades fixas, determinadas pela biologia e pela natureza. Daí, decorre a preferência pela designação de género em vez de sexo. Nesta perspectiva, o género está para a cultura como o sexo para a natureza.

POLÉMICAS SOBRE AS ADOLESCENTES SAMOANAS

Já depois de morta, é alvo de uma crítica malévola por parte de Dereck Freeman, que ataca a seriedade do seu primeiro trabalho de pesquisa.

Para tal, leva a cabo uma contra-peritagem, de estilo policial, obrigando uma antiga informadora samoana de 87 anos a confessar, perante as câmaras de cinema que, para se divertir, tinha enganado Margaret Mead, criando ficções sexuais sobre a sua adolescência que, na realidade, tinha sido virginal até ao casamento, aos vinte e oito anos, como era decente e de regra.

Serge Tcherkézoff, em *Le Mythe occidental de la sexualité polynésienne, 1928-1999. Margaret Mead, Derek Freeman et Samoa*, começa por apresentar dados etnográficos sobre a sexualidade dos homens e das mulheres, e desconstrói o trabalho juvenil de Mead, identificando os erros, mas denunciando os métodos do seu opositor, pondo em causa a crítica, como de má-fé. Na

realidade, o que Freeman pretendia era atingir a Antropologia Cultural nos fundamentos, isto é, a determinação cultural dos comportamentos humanos. Mas, ao atacar o culturalismo, ataca toda a antropologia, defendendo a tese segundo a qual os determinantes biológicos explicam os comportamentos culturais específicos dos adolescentes. Segundo ele, os seus comportamentos agressivos reduzem-se à influência das «feromonas» ou outros neuropéptidos.

Para Tcherkézoff, a origem dos erros devem-se à influência do mito ocidental da liberdade sexual polinésia, mito que se baseia nos escritos de Bougainville, de Wallis e de Cook, segundo os quais as populações da Melanésia, «ferozes canibais», se opõem às da Polinésia, «adoradores de Venus». Interpretara, portanto, os seus dados e observações em função dos preconceitos sobre esta zona do Oceano Pacífico. Verdade seja que, em 1926, são estas as únicas referências disponíveis.

Do ponto de vista metodológico, fora induzida em erro, ao pretender caracterizar uma sociedade por um traço cultural preponderante, tal como preconiza Ruth Benedict, sua professora. Isso leva-a a ignorar dados anotados nos seus canhenhos por não estarem em conformidade com o modelo do laxismo sexual.

A complexidade das representações da sexualidade explica, de certo modo, a falha. O binarismo das relações homens/mulheres ilumina o erro da jovem antropóloga, já que esse mundo se divide em dois: o mundo do dia, da luz, da ordem social, onde homens e mulheres se encontram no plano da relação irmão/irmã, isto é, ignorando-se; e o mundo da noite, da obscuridade, dos espíritos. Nesse espaço, tudo é sexual e só existem machos e fêmeas; aí se realiza o amor potencial, selvático. Não admira, pois, que este espaço enigmático povoe os fantasmas das adolescentes. Num mundo dominado pelo sistema de «dois pesos, duas medidas», as raparigas devem manter-se puras até às núpcias, sob pena de opróbio e vergonha para a família, enquanto aos rapazes, não é interdita a sexualidade, sendo o mundo da noite o espaço e o tempo da sexualidade possível. Na relação homens/mulheres, não existe espaço neutro, mas tão só a relação cerimoniosa e tabu do irmão/irmã ou a relação sexual, não havendo qualquer hipótese de amizade entre os sexos. A sociedade mantém uma relação algo esquizofrénica com a sexualidade que valoriza, permitindo a sua omnipresença no espaço nocturno. Estas indicações do perito nestas questões são muito elucidativas para a compreensão dos povos oceânicos. É que ele aproveita, sem preconceitos, as notas exaradas nos canhenhos...

Tcherkézoff considera que ela foi induzida em erro pelas histórias de amor e liberdade que, de algum modo, fazem parte do imaginário fantasmagórico das adolescentes. Por outro lado, ela também é vítima do preconceito machista dos jovens que, pelo seu lado, corroboram os dados

obtidos através das raparigas, contando narrativas de amor tórrido que magnificam o seu ego.

A ANTROPOLOGIA APLICADA À MUDANÇA NO MUNDO MODERNO

Para Margaret Mead, a Antropologia Aplicada representa um verdadeiro compromisso feito de sensibilidade e subtileza, mas a sua visão do mundo americano é demasiado pautada pelo pragmatismo e por alguma ingenuidade.

No *Essai sur le don* (1927), Mauss inventaria três obrigações universais: a obrigação de dar, de receber e de retribuir. Segundo o testemunho de Wilton Dillon, seu ex-aluno, que escreve um testemunho sobre Margaret Mead em *Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée* (UNESCO Bureau International d'Education, 2000), ela aplica este modelo à troca e reciprocidade entre nações, contribuindo para colocar essas obrigações sob uma forma que permita observá-las em ambientes familiares, religiosos, profissionais e escolares. Em conversas tidas com ele, faz-lhe compreender o comportamento dos Estados Unidos, enquanto nação que prefere dar e ensinar, a receber e a aprender. Segundo ela, a comunidade internacional teria a ganhar, se o seu país aceitasse alternar os papéis.

Toda esta obra testemunha uma elevada consciência das mudanças sociais. Aliás, para ela, a investigação das sociedades tradicionais primitivas funciona como uma espécie de laboratório social que deve conduzir a um melhor conhecimento das sociedades contemporâneas.

Sendo, sem sombra de dúvida, a antropóloga mais conhecida e a mais cobiçada pela investigação realizada nos confins do mundo, a Oceania, esteve sempre na ribalta da cena intelectual: ao sucesso incomensurável da primeira obra aliou o símbolo da libertação dos costumes, bem como a difusão de novos padrões sobre a educação, tendo uma prodigiosa facilidade de converter o discurso académico em mensagem popular, pois era uma comunicadora nata que não descurava a mínima ocasião para entabular conversa com toda a espécie de gente, acabando sempre por obter informações preciosas que seriam difíceis de adquirir, de outro modo.

O seu militantismo humanista suscita respeito e admiração.

A par disso, a antropóloga lembra constantemente o bem fundado da diversidade humana e das suas transformações.

Compreender o homem é preservar o futuro e, inclusive, valores tais como democracia, liberdade, solidariedade e justiça social, desejava «o advento duma sociedade mais bela, mais rica, mais variada» e era uma cientista responsável e generosa, humanista, cidadã do mundo, empenhada na defesa

Episteme, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 81-91, jan./jun. 2005. 89

da mudança social, atenta às necessidades dos esquecidos da sociedade da abundância.

A Antropologia durante muito tempo oscilou entre duas abordagens diferentes: a classificação racial da espécie humana, empreendida num espírito naturalista, e o estudo das práticas simbólicas e culturais.

No presente caso, encontrou voz na Antropologia como quadro holístico, combinando todas as ciências. Havendo quem considere a Antropologia, na sua visão, como parte do *ethos* americano, suscitaram-se caricaturas amigáveis ou não, expostas no quadro da exposição organizada na Biblioteca do Congresso por ocasião do Centenário: «Margaret Mead, a natureza humana e o poder da cultura».

Numa das obras teóricas mais originais, baseada nas conferências realizadas na Yale University, *Communities in Cultural Evolution*, afirma «a necessidade de uma perspectiva do futuro que não minimize o perigo imediato nem suscite desespero.»

Esta herança obriga a revisitar as questões levantadas e a encontrar novas respostas, face aos desafios que as novas tecnologias e a ciência permitem encarar. O seu empenho pelas questões educacionais, caídas no limbo do esquecimento, merece ser revisitada, pois o século vinte muito aprendeu com ela. Assim, pode ser tomada como rampa de lançamento para investigações acuradas, tendentes a deitar fora o envelhecido, e a avançar com o que, hoje mais do que nunca, permanece vivo e inovador.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA DE MARGARET MEAD

MEAD, Margaret, BATESON, Gregory. *Margaret Mead, Gregory Bateson, and Highland Bali: Fieldwork Photographs of Bayung Gede, 1936-1939*. Chicago: University of Chicago Press, 1999 [1942]

MEAD, Margaret. *Coming of Age in Samoa: A Psychological Study of Primitive Youth for Western Civilisation*. Nova York: Perennial Classics, 2001 [1928].

MEAD, Margaret. *Continuities in Cultural Evolution*. Nova York: Transactions Publishers, 1999 [1964].

MEAD, Margaret. *Culture and Commitment: a study of the generation gap*. Melksham, Inglaterra: Vintage/Ebury, 1975 [1969]

MEAD, Margaret. *Growing up in New Guinea*. Nova York: Perennial Classics, 2001 [1930].

MEAD, Margaret. *Male and Female*. Nova York: Perennial Classics, 2001 [1949].

MEAD, Margaret. *O Conflito de Gerações*. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*. Nova York: Perennial Classics, 2001 [1935].

90 Episteme, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 81-91, jan./jun. 2005.

MEAD, Margaret. *Social Organization of Manua*, 2ed. Honolulu, Havai: Bishop Museum Press, 1969 [1930].

MEAD, Margaret. *The Changing Culture of an Indian Tribe*. Nova York: Ams Pr Publishing, 1969 [1932].

SITOGRAFIA

[http:// www.nmsu.edu/information](http://www.nmsu.edu/information)

<http://alor.univ-montp3.fr/cerce/>

<http://barnard.columbia.edu/afonline/mead/>

http://biologybooks.net/search_Margaret_Mead/

<http://courses.smsu.edu/waw105f/Mead.htm>

<http://fr.encyclopedia.yahoo.com/articles/>

<http://interculturalstudies.org/>

<http://www.arfe-cursus.com/anthropologie4.htm>

<http://www.britannica.com/articles/>

<http://www.glbtq.com/social-sciences/>

<http://www.greatwomen.org/>

<http://www.greenwood.com/books/>

<http://www.inserm.fr/serveur/viel.nsf/>

<http://www.kirjasto.scifi/mead.htm>

<http://www.unine.ch/ethno/biblio/>